



«REDACCAO DO ESPOZENDENSE»

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira Editor—Julio de J. Giesteira Lima Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA Anno, sem estampilha 65000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com estampilha e para fóra 85000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 205000 rs. **ANNUNCIOS** Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou reclamaes, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação, 15 c. — Anuncios particulares: linha 50 c. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

O CAMINHO DE FERRO do VALE DO CAVADO

O que me disse o concessionario, Francisco de Souza Magalhães.

Para o jornalista, que sabe de sobejo as dificuldades extraordinarias trazidas sob o ponto de vista moral e material, para a efectivação de qualquer empreendimento, é sempre interessante e oferece curiosidade de ir até junto aquelas individualidades que se afirmam trabalhando na esperança inquebrantavel de verem realizadas certas obras de utilidade publica. Outra qualquer pessoa, depois que o projecto de lei do caminho de ferro do Vale do Cávado foi aprovado no Parlamento e, portanto, ficou sendo, incontestavelmente, lei do paiz, julgaria talvez que nada mais havia a fazer ou mesmo a dizer. Um perfeito engano. E este facto torna-se tanto mais de acentuar quanto mais sabidas as enormes dificuldades financeiras que existem actualmente, muito especialmente para realizações de tal importancia que necessitam de um notavel capital.

Sabendo tudo isso, ainda hoje, de manhã, quando a cidade começava a despertar do letargo da noite, á luz brilhante deste sol quente de julho, dispuz-me a ir ao Gremio Literario, ali á rua Ivens, a dois passos do Chiado, onde começavam a passar as primeiras mulheres lindas e elegantes, local onde tinha a certeza de encontrar o sr. Francisco de Souza Magalhães.

Fliz-mê anunciar. E instantes depois entrei numa sala vasta, onde não pairava o ruido confuso da cidade, cercada de espelhos enormes, que pareciam espiar todos os nossos movimentos. Sala indiscreta, como são os jornalistas...

O concessionario, que teve palavras muito amaveis e gratas para *A Capital*, que tanto se tem interessado por este grande melhoramento, e tambem para o jornalista, sentando-se, pede para que lhe diga o que pretendo.

Ha um curto silencio. Pela enorme janela aberta, divisa-se a silhueta da cidade, ainda imersa numa nevoa...

O sr. Souza Magalhães, que tem uma fisionomia enérgica e distinta, impondo-se pelo *charme* do seu trato cortez, deferente, a deixar pressentir nas linhas que se vincam no seu rosto uma magnifica thaneza, bom humor, ligados a uma vontade de ferro, espera as minhas palavras.

Expuz-lhe o que pretendo. As suas impressões, as suas ideias, as *demarches* feitas para que o caminho de ferro

do Vale do Cávado tenha imediata efectivação.

Muito rapidamente, afirma... As suas palavras são ditas com firmeza, serenamente, como quem tem a certeza absoluta do triunfo proximo.

—Sim o caminho de ferro do Vale do Cávado ha-de construir-se, custe o que custar. Fez precisamente um ano em 23 de junho passado que pedi a concessão. Dizer-lhe a lucta terrivel que mantive para conseguir isto, julgo desnecessario. O que lamento é que no numero dos que guerrearão o projecto eu encontrei pessoas categorizadas, que tinham peos deveres da sua propria posição, a obrigação de auxiliar esta iniciativa, de largo alcance regional. De resto é sempre muito difficil tentar qualquer realisação pratica no nosso paiz, com os tropeços e os embaraços sem razão, que surgem a cada passo.

Felizmente, tambem, não me faltaram pessoas de valor, auxiliando-me entre as quaes devo distinguir os senhores deputados e senadores, que sempre favoreceram o empreendimento, na comprehensão do serviço que prestavam á provincia, aos quaes devo acrescentar os nomes do sr. dr. Domingos Pereira, ministro dos Estrangeiros e ainda o do dr. Fonseca Lima.

O que é de lamentar, imagine, é a indiferença dos povos da região, mais directamente interessada perante o meu esforço em seu beneficio, Fão e Espozende. Em vez de erguerem a voz do lado de Braga, ficaram calados, como mumias...

Houve um curto silencio. Esse silencio, permitiu-me inquirir.

—E o problema financeiro?

—Como lenciona v. ex. resolve-lo? Tanto mais, dizendo muita gente que não será possivel obter capital dentro do paiz e mesmo no estrangeiro, só com grande difficuldade... Ha mesmo quem afirme—incredulos e pessimistas—que não confiam...

O sr. Souza Magalhães teve um sorriso discreto, atiron o cigarro para o cinzeiro e afirmou:

—A principio tambem ninguem acreditava na possibilidade da concessão, que é um facto. Agora dizem isso. Tanto peor. Espiritos de contradicção, nada mais. Afirmam—alguns—que não ha capital, alegando outros que eu nunca pensei

em construir a linha, tendo apenas pedido a concessão, com o fim de a negociar, isto é, para a vender.

E? lamentavel, a forma como se fazem, levianamente, afirmações desta natureza, sem auxiliarem, sequer de longe, o trabalho enorme dispendido para se conseguir o que eu fiz. O que eu posso affiançar, é que o capital apparecerá em ocasião oportuna e que a linha ferrea se vae construir, podendo desde já anunciar-lhe os inicios dos trabalhos de construção, para o proximo mez de setembro, o mais tardar, de outubro...

Entrava pela janela aberta, o frescor da manhã... Ficamos ainda conversando, -os espelhos a olharem para nós, amigavelmente, e dessa troca intima de palavras ficou-me a convicção e a certeza absoluta, que o caminho de ferro do Vale do Cávado é uma realidade. O que é preciso e dar tempo ao tempo, e em vez de levantar intrigas ou suspeições, ao contrario, incitar a actividade incansavel e benemerita do sr. Francisco de Souza Magalhães, sempre luctando com mil difficuldades, destas que surgem a cada passo, no caminho dos grandes empreendimentos...

Era quasi meio dia, o Chiado palpitava, na grande claridade dum dia sereno de Julho, com mulheres lindas, sorrindo e acariciando a minha vista deslumbrada, na visão do progresso triunfante.

MARIO GONÇALVES VIANA (Da «CAPITAL».)

Origem dos brazões

A origem dos brazões d'armas data de tão remota antiguidade, que, meia envolvida em fabulas, quasi se perde na escuridão dos tempos.

Entretanto é fora de duvida, que teve principio em uma cidade, na qual mais tarde veio a explorar bastante em seu proveito a vaidade dos homens.

Não será facil indicar qual foi o primeiro povo, que introduziu o uso dos exercitos levarem á guerra bandeiras com divisas. O que é certo porem, é que em todos os antigos imperios eram usadas. Egipcios, assyrios, persas e outros povos da antiguidade, levavam á guerra bandeiras com figuras de animaes, as-

tros ou outros objectos n'ellas representados como signaes ou divisas, que, servindo para extremar amigos de inimigos, fizessem conhecer de longe aos soldados dispersos o corpo do exercito a que pertenciam.

No principio, não havia, ao que parece, mais de que uma só bandeira em cada exercito. Depois o desenvolvimento da arte da guerra trouxe tambem a necessidade de estabelecer signaes distinctivos para os diversos corpos de que se compunha o exercito.

N'estas bandeiras se punham por divisa especial do chefe da republica, empresas, motes, ou simplesmente letras iniciaes, de que muito usaram os romanos.

D'esta arte se passou da águia, estandarte do povo romano; do porco, emblema dos phrysios; do urso, distinctivo dos godos; do gato, insignia dos alanos; do leão, divisa dos francos; do cavallo, symbolo dos saxonios, para os signaes de individuos como chefes.

Tambem dos campos de batalha passou este costume para as liças de torneios, onde cada um dos contendores procurava differenciar-se, não só pela variedade das côres, mas igualmente pela propriedade das empresas, motes e divisas, que levavam debuxadas em seus escudos. Foram porem ás cruzadas, essas expedições aventurosas, que encheram as chronicas da christandade de feitos cavalleirosos, repletos de religião e poesia; as cruzadas que, impellidas por um cego espirito religioso, despovoaram a Europa e assolaram a Asia, convertendo-se todavia em poderoso elemento de civilisação; foram as cruzadas, repetimos, que deram maior extensão áquella pratica, que não tardou a ser regularisada.

(Continua)

Roubos sa- crilegos

Violação de tumulos no cemiterio de Espozende

Como a noite escura, onde as trevas predominam como n'um sepulcro e a atmosfera geme com as densas nuvens, que se confundem e revolteiam em pesadas massas saturadas de fluido electrico, que descarrega para a terra faiscas em zigue-zagues constantes, que fulminam e destroem com o seu poder natural, seres organicos e inorganicos, sem respeito de lugares, debaixo do relampago abismal do ribombar formidavel do trovão e do sibilar constante da tempestade, assim, em Espozende houve homens que, semelhantes á borrasca, n'um cumulo de perversidade, em que as suas consciencias espargiam só raios de miserias, escrupulos ignominiosos e pestilentos, se lançaram como lobos famintos na eterna e sagrada jazida dos nossos entes queridos roubando-lhes os caixões de chumbo e vestes, unicos leitões e coberturas do seu eterno sono.

Estala o coração, confrange-se a alma e a razão quasi que se perde no vacuo ao admitirem que haja pessoas que, por mais putridinasas que fossem as suas consciencias, tivessem a ousadia de violar o que há de mais sagrado e intangivel.

Infelizmente houve-as e ornadas—segundo dizem—ao confessarem o crime dum requintado cinismo.

Tão nauseabundo e repugnante é este crime, que a razão parece que só o admite, collocando os seus autores num plano inferior e monstruoso da raça, degenerados já moral e fisicamente.

E' deveras lastimavel que haja na sociedade, homens que, desprezando o ambiente favoravel ao seu prestigio moral e social, se lancem num ambiente de lama e vileza, onde os escrupulos campeiam infrenes em procura de vitimas.

A audácia, que os levou á pratica de tão repugnante crime só revela baixeza de sentimentos, almas putridas, cheias de instintos tigrinos, capazes de praticar o que ha de mais vil e torpe.

Os coveiros ou os autores directos do roubo—estabele-

cendo-se paralelo entre os indirectos ou receptores—teem atenuantes, atendendo a algumas anormalidades morais e patologicas suas, já conhecidas.

Os receptores são os mais responsaveis pelo crime—segundo o prisma da razão—visto que na sombra, rastejavam como o reptil na mira do lucro, e publica e aparentemente, com a capa da hipocrisia, queriam passar por criaturas de grande consideração.

Isto é o que há de mais ignominioso!

A ignorancia não foi a borrasca que os levou a naufragar na convivencia do crime; foram sim as suas consciencias pervertidas pela ambição.

Os roubos não se repetiriam se os receptores não dessem guarida aos ladrões. Mas a mira na cobiça do fabuloso lucro de comprarem por um e venderem por cem, apagou-lhes a luz da razão, perdendo-os.

Como é concretamente compreensivel, os coveiros não passaram, em parte, de ser uns simples maquinais nas mãos dos receptores, que os estimulavam na senda vergonhosa e vil de semelhante crime.

!Felizmente—embora tarde, já depois de quasi todas as familias que possuem jazigos, sofreram o duro e rude golpe de verem os seus queridos ascendentes e descendentes, que dormem o sono eterno, despojados e roubados do envolvero de chumbo que servia de leito aos seus cadaveres, e estes, confundirem-se em montulo e a esmo em estado deploravel—a verdade triunfou com o seu poder fulminante, desmascarando a doblez, e eis que os protagonistas do crime, estão debaixo da espada implacavel e destemida da justiça, pairando-lhes sobre as cabeças as tremendas responsabilidades em nuvens carregadas de remorso, esperando o castigo correspondente ao demerito de suas acções.

Urge, pois, que os snrs. executores da justiça, avaliando bem a responsabilidade dos criminosos, sejam coerentes e imparciaes na applicação do castigo.

Que não haja favoritismo, é o que a sociedade de consciencia limpa, pede.

A benevolencia em crimes desta natureza, só transparece em impunidade, e a impunidade em desprestigio dos snrs. juizes, mal da ordem e da moral.

Varias vezes os grandes diarios mencionam e criticam acremente a absolvição de cri-

Banco Espirito Santo

AVENIDA DOS ALIADOS — PORTO

Compra e venda de coupons e titulos nacionaes e estrangeiros. Aceita dinheiro a praso a 3, 6 e 12 mezes ao melhor juro. Efectua todas as operações bancarias.

Correspondente n'esta vila: João Baptista de Sá.

minosos de largo cadastro.

E' da maxima utilidade social, moral e material, que as autoridades desta vila, cujo poder lhes é inerente, não se deixem influenciar pela corrente de favoritismo, apanaggio relativo da impunidade.

Esta, que largamente se ramifica, pelo país, em todas as manifestações do crime, só tem feito revolucionar a nossa sociedade, em convulsões de ódio, deixando ver—nesse delirio—um horisonte turvo e carregado de desgraças.

Parece que as antigas virtudes, de mansidão e paz da raça portuguesa, declinaram em tempestades fratricidas de furor sanguinario, deixando como sequito a desolação e a ruina.

O medo—símbolo da impunidade—de castigar os perturbadores da ordem e da sociedade, os homens feras, que só procuram criar uma atmosfera de selvatica anarquia, tem sido e será sempre o primordial factor de vivermos saturados e comprimidos num circulo de desgraças e crimes.

Portugal, ainda não ha muitos anos, era como uma estrela apagada, no meio da criminalidade mundial; hoje, por infelicidade, marchamos, correlativamente, na vanguarda.

Triste estigma da civilização moderna!

A loucura homicida e do roubo tem aumentado em proporções assustadoras, nestes ultimos tempos, no nosso país.

Uma nação onde, estes tristes e funebres factos—virus aniquilador de todo o progresso—marquem um passo gigante, não pode florescer, sem que uma reacção energica e sistematica surja, modelada em sãs principios, para que um dia desapareçam da sua face a miseria, a ignorancia, a injustiça e o crime!
S. A.

NOTICIARIO

Falecimento

Na cidade do Porto, acaba de succumbir victimado por uma congestão pulmonar, o sr. Manoel da Silva, de 19 anos de idade, filho dilecto do ex.^{mo} sr. Francisco Silva, industrial de pichelaria, e de sua ex.^{ma} esposa

snr.^a D. Carolina Silva modista de vestidos, n'aquela cidade.

O extinto era primo dos nossos amigos Filipe José Bandeira e de sua esposa Corina Bandeira.

O seu funeral que se realizou no passado dia 2 de Julho, foi uma verdadeira manifestação de sentimento e uma prova de alto apreço ás excelssas virtudes de tão desventurado moço, vendendo-se largamente representado o alto comercio e industria, bem como varias sociedades sportivas.

A's familias em luto os nossos sentidos pesames.

Linha do Vale do Cavado

Do *Diario do Minho*

Podemos dar a grata noticia de que se acha já constituida a Empreza que a seu cargo tomou a construção do Caminho de Ferro da Pova de Varzim a Espozende, Barcelos—Braga—Guimarães, devendo muito em breve iniciar-se os estudos, esperando-se que no proximo mez de Novembro comecem os trabalhos de terraplanagem e assento da via.

Tambem podemos informar que a Empreza conta em 1925 inaugurar a linha entre Pova e Barcelos e em 1926 entre Barcelos e Guimarães.

Da Empreza faz parte um importante grupo financeiro francez que muitos caminhos de ferro tem construido em Hespanha, França, China e Russia.

O caminho de ferro do Vale do Cavado

Da *Capital*

«Por motivo de diversas dificuldades burocraticas, apparecidas á ultima hora, embora sem importancia de maior, não foi ainda publicada no *Diario do Governo* esta nova lei, recentemente aprovada no Parlamento e por cuja defesa tão vivamente se interessou nas colunas de *A Capital* o nosso presado colaborador dr. Mario Gonçalves Viana. Entretanto, porque já está tudo resolvido nesta ocasião, é de esperar que ainda esta semana seja a referida lei assinada pelo sr. Presidente da Republica, a quem deve ter sido hoje enviada pela presidencia da Camara dos Deputados.

OBRAS DO FAROL

Proseguem com muita actividade as obras de assentamento dos maquinismos para a iluminação a vapor do novo farol que se está levantando junto á casa das machinas na foz do nosso rio.